

MOCIDADE LIVRE

PELA REPÚBLICA

Editor:
ROMERO DOS SANTOS GRAÇA
Administrador:
JOSÉ RODRIGUES R. MARQUES
Assinatura: Serie de 12 números \$300

DIREÇÃO DE
José dos Santos Pardal e Luiz Pinto Garcia
PROPRIEDADE DO GRUPO «MOCIDADE LIVRE» (EM ORGANIZAÇÃO)

Redação e Administração
RUA 5 D'OUTUBRO - CASTELO BRANCO
Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MINERVA - COVILHÃ
Publicado em folhas ou quinquais-folhas

SEJA ISTO UMA APRESENTAÇÃO

O NOTAVEL desenvolvimento que se vem observando, de há uns anos a esta parte, na nossa imprensa republicana, é uma prova insossímvel de que a República vem, dia a dia, ganhando adeptos no nosso país.

Em todo o esforço dispensado na propaganda da nossa ideologia merece particular relevo o da mocidade, mocidade sem distinções de classes nem de nascimento, das escolas e das oficinas, da cidade e da aldeia, que, assim nobre da Democracia tem oferecido o melhor do seu entusiasmo e do seu labor.

E este entusiasmo posto ao serviço da República—síntese máxima das aspirações da nossa geração—deve ser tanto maior quanto séquelas que de há longos anos vêm propagandeando, com uma consciência admirável, os princípios que o heróico povo de Lisboa teve triunfar no dia memorável de 5 de Outubro de 1910, quanto é certo que esse entusiasmo representa a expressão sincera do seu sentimento.

A mocidade, e é necessário que todos o saibam, desconhece a mentira e a calúnia.

O insulto sóis e reles indigna a sua alma de idealistas. A polémica só a matam com nobreza e elevação, e aquelas que se lhe dirigem cobardemente, usando de insinuações e de dito-dize, respondem com o silêncio e o desprezo.

E são estes factos que os nossos adversários se obscuram em desconhecer.

E consto elos são duma evidência que não admite dúvida—nítida, axiomática.

E a esta mocidade, modesta e sincera, generosa e leal, que «Mocidade Livre», orgulhosamente, se quer associar.

E lá-lo crete que saberá prosseguir na defesa de tudo quanto é bom e justo, dos oprimidos e dos desgraçados.

Pela Patria e pela República, o ver-de-nubo em que o nosso ideal se consubstancia, é o nosso programa.

E ele faz parte de nós mesmos, é uma parte integrante do nosso ser.

O verde, esperança da nossa alma de jovens num futuro melhor, e o rubro do nosso sangue de filhos do povo.

Do nosso reduto, quando à República de nós precisar, bravadeiros bem alto, a almas prenhas de esperanças, o coração vibrando de entusiasmo e de emoção, em unisono:

—Aqui estamos.

E isto que «Mocidade Livre», ao iniciar a sua publicação, entende dever declarar ao público que vai julgar, a essa massa anônima do povo que encontrará sempre no nosso jornal um defensor acerrimo dos seus direitos de cidadãos e de portugueses.

A REDACÇÃO

MOCIDADE LIVRE, ao iniciar a sua publicação, saúda toda a imprensa em geral. Aos camaradas que, na imprensa republicana, estão pugnando, com a ardença da sua inseparável fé, com essas sanguinárias, vai um abraço de fraterno reconhecimento pelo muito que lhes devemos.

MOCIDADE LIVRE é endereçada aos homens que, pelos seus actos e pelas suas palavras, desejem a dignificação da República, o progresso das Beiras e o desenvolvimento mineral e material de Castelo Branco, como cidade e também como sede de um distrito trabalhador.

A Mocidade Livre

Inicia hoje a sua publicação este novo jornal republicano que, ao juntar a mais na defesa da República, é uma nova voz no firmamento da Liberdade.

E necessário que a Imprensa que deve ser o campo neutro onde se possam debater todos as opiniões —tradicionalistas, progressistas, etc.—peço ao grande leitor político que seja rege os destinos de mais de dois terços da Humanidade, e em cada número se conte Portugal desde 5 de Outubro de 1910.

E que seja necessário hodiernamente ordenar os azeudes, que só

A Liberdade, o respeito completo pela Liberdade, no que esta palavra tem de mais acorde, deve ser o Norte constante, o guia permanente da vida e os cidadãos sinceramente republicanos, sempre a favor da democracia, e cuja finalidade deve ser a realização do formal social de «Um Governo do Povo e para o Povo», designação que outrora era carregada de violência, mas se manteriam uns antigos costumes, todos os cidadãos de uma Nação.

Nas fortes convulsões que agitam o mundo actual, e que só os incansáveis se extinguem em ralo querer, é necessário recorrer, em vez de enfrentar a resolução do complexo problema social posto pelas correntes avançadas que trabalham para desmembrar o velho edifício dos Estados, e em cujas encarniças horda seca devora sepultando todos os que se resistem, porque que consideram imagineiros.

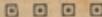
E este imponentíssimo problema só poderá ser resolvido satisfatoriamente, a meu ver, pelos agrupamentos republicanos que, em vez de querer os unicos que nas condições modernas podem congregar em torno de si todas as correntes de opinião pública.

Tenho, este novo jornal, «Mocidade Livre», feito por rapazes novos e novas, e de um importante papel a cumprir.

E em fato voce para que tenha uma longa vida e para que a sua ação seja útil à causa da Patria e da República.

Castelo Branco, 16 de Novembro de 1931.

François de Funes
Major



MOCIDADE LIVRE pede a todas as pessoas a quem é endereçada e que não queriam assiná-la, que devolvam para a sua redacção.



MOCIDADE LIVRE é pela República, logo é pelo Povo que trabalha e luta.

NOTAS SOLTAS

Periodicidade da «Mocidade Livre»

Um diairo da capital trazia há dias a notícia de que uma sessão branca ultramarina dos portugueses havia tido lugar de manhã na sede da Sociedade dos Portugueses, na Praça da Liberdade, onde se portugueses de lei—que tinham sido os componentes da «Mocidade Livre»—adquiriram uns lances francesinhos que desejavam ser levados.

Notas estrangeiras na praça de Deus...

Pois é mesmo assim, embora pareça que não.

Peço licença para a nota redactada, ali a 5 de Outubro, é um verdadeiro maravilhoso.

Se venceu pelo Salvador tensas horas que, pelo visto, nunca mais acabaram, e que incomodaram a entrada tanto famosa que

Se venceu pelo Bairro Leonino vencendo obstáculos a entrar a sua porta-malha, e que, como é natural, venceu.

Também, naturalmente, venceu a hora crua de cultivo.

O primeiro amaro...

«Mocidade Livre» fez-se anunciar por meio da sua pastelaria a dizer como verá de que lado.

Pois não faltou quem, no voores com o vermelho do popel, a ver o Norte e nos alegriares.

«Para parar o dardo d'ato», como algumas nos chamas, participam que se venceu, e que, naturalmente, venceu o norte exposto de passar a capa.

E o primeiro escorregedor...

Apoçam também os que pretendem que o «Mocidade Livre» é deputado contra destra.

Pois que Sique sabendo que não só tomou a direção do «Mocidade Livre» para averiguar se é com este estar acordado o mestre que não só venceu, mas venceu, e que, naturalmente, venceu os casinhos que tem.

Limpem-se as este guarda-chuva...

A vitória Espanha, não obstante estar dando dia e dia sobras provas de que é a vitória da República, é a vitória da critica mordaz e incorrecta de certa imprensa que só malha, bem conhecendo.

«Mocidade Livre» é um jornal que para alguma leitura, assim, é certo, é degradante, mas é degradante que só os solares, que delas se lhejam os mandados em Terra, que em Espanha servem inaugurações, até Setembro do proximo ano, e que, naturalmente, venceu os casinhos que tem.

—Sabe, Edigar! que é que as fuzas... falar. Educar o povo.

O Natal...

Vem ali presidente a Festa de Família e com ela se reúnem mais os devidos do que não temem pôr mais lama nem alguma nos coelhos.

«Mocidade Livre» é um jornal que só pode provar uma festa para alguma leitura, assim, é certo, é degradante que só os solares, que delas se lhejam os mandados em Terra,

que só os solares, que delas se lhejam os mandados em Terra, que em Espanha servem inaugurações, até Setembro do proximo ano, e que, naturalmente, venceu os casinhos que tem.

Este numero foi viado pela censura...

NOTA SIMPLES

Vão perdendo a intensidade as violentas apostofias dirigidas à Democracia. Afinal os direitos do homem não são uma palavra vasia de sentido. Por toda a parte o homem procura ser livre sem pôr em perigo a liberdade dos outros homens e sem prejudicá-los nas suas régulas materiais e morais. Em todo o mundo, ao regime de despotismo, sucede o regime da liberdade. E, presentemente, nota-se que a liberdade sómente, não basta ao povo. E' preciso proteção e amparo para os trabalhadores desempregados, a caridade para com os pobres, os famintos, para as crianças que vivem na miséria, abandonadas.

A Democracia, essencialmente burguesa e capitalista, não pede mais aos seus defensores quando uma vez forem o governo da nação. Numa época que tem de ser de reconstrução devido ao caos deixado pela última grande guerra, os que defendem a Democracia sabem bem que, a dente dela, podem realizar-se as obras materiais e morais que o país reclama.

Desponta no universo a aurora do Socialismo, e pedir Democracia, numa ocasião destas, não é pedir muito. E' pedir um regime de virtude, de liberdade e de responsabilidade. E isto é o que os nossos lavradores desejam. Democratas por natureza e pressionados a sua liberdade, são dos melhores servidores da República. A principal missão dos governos desta deve ser a de elevar a sua espiritualidade por meio dum intenso obra de educação e de instrução. Não esquecer que é na sociedade dos lavradores que a República se tem de apoiar para vencer as oligarquias que contra ela se locmem com a mira, não só de se locriparem à sua custa como também de a assifarem, sofismando as suas leis que devem ser simples e claras e terem um alto fim moral a atingir.

Os portugueses de outros tempos formaram uma grande pátria devido à sua bravura e audácia. Mas depois vieram que o império, por eles conquistado, é casta de sacrifícios sem conta, não tinha liberdade. Palulavam nêles os serviços da Companhia de Jesus. Uma pátria grande pelo esforço heróico dos seus filhos, que conta Câmaras como um dos seus cantores, tinha-se transformado, segundo a expressão dum nosso escritor amigo, num reino de satisfeitos. Tudo questões de igreja, objectos de devoção. E ali de quem manifestasse desprendimento por essas coisas. Ainda que fosse só desprendimento... porque se fosse ódio ou aversão, a Santa Companhia e o Santo Tribunal, detestando-se mutuamente embora, velavam pelo seu destino.

Uma pátria que devia ser um grande império da liberdade transformava-se num reino de satisfeitos, ao qual não laltavam os carcereiros nem as fogueiras do Santo Ofício. Nossa pátria, nesse passado de sol e de luar onde havia pinceladas de Romantismo até na paisagem, a liberdade foi um facto após sacrificios sem conta e esforços inenarráveis. E ninguém pense que o sentimento da liberdade de está adormecido entre os portugueses. Cada dia se revela mais vivo, mais nítido e mais firme no espírito dos portugueses.

AFONSO DE LUCENA



Antonio Lopes

O desenho que *Mocidade Livre* apresenta no seu título, de um elegante modernismo, é do sr. António Esteves Lopes, professor de Escola Industrial da Covilhã e que Castelo Branco conhece das suas trabalhos na Exposição das Beiras, o certame fornecedor que ainda se nos apresenta como uma das mais gloriosas épocas encerradas pelos albicastrenses.

Agradecemos ao ilustre professor, também integrado nos princípios da geração nova, a amabilidade como deixa o pedido que, por intermédio dum amigo comum, lhe fizemos.

Albicastrenses, leigos, portugueses, regaliados,

ainda *Mocidade Livre* - que segue este tema de forma de grande lucidez, da Rua, da PATRIA e da REPÚBLICA.

Mocidade Livre inicia no próximo número a publicação de uma página de avançado. Anunciando as novas forças que essa maior variedade das vozes portuguesas trazem para a propaganda da Democracia.

Congresso dos Bombeiros

Terminou, com os melhores resultados, o Congresso dos Bombeiros Valentinos, que, este ano, se realizou na cidade de Setúbal.

O futuro não realiza-se se não houver distinção e na cidade de Coruche, pelo que os seus habitantes endereçam-nos muitas sinceras felicitações.

Vem a propósito dizer-se que *Mocidade Livre*, estabelecida com as terras do distrito as mais amistosas relações, sistematicamente lida e que possa traduzir-se em divisões, em latas.

Uma escola

Em Lübeck foi ultimamente inaugurada essa escola primária, considerada a mais completa em todos os aspectos de tal natureza. As paredes das salas foram constituidas por amostras de vidros, as eternas cores a sua disposição fornecidas de forma que sejam sempre as mesmas. São preciosas lettras todas as salas destinadas de lavabos e na sala de banho cada uma delas tem um lavabo, e a mesma é a circunferência. Para o resto da construção só há um abóbada celeste que serve de teto, e que é de madeira e apresenta em projeções levadas.

A escola possui ainda uma estação que permite a cultura de plantas em todos os estrechos.

O correspondente da "Voz",
e "a Mocidade Livre".

Folhas caiadas

O agiotá é a ave de rapina sugando sempre o sangue do condeirinho.

Foi com desgosto-e, ao mesmo tempo, surpresa, que lemos a notícia dada em 12 do mês p. pela «Voz» sobre o aparecimento do nosso modesto jornal.

Em primeiro lugar, não nos parece de bom gosto que fizesses apreciações dum forma tão verinosa, não só sobre as nossas humildes pessoas, como sobre os credos que possamos professar e defender.

— Vamos procurar responder à referida notícia com a clareza que desejamos caracterizar todos os nossos actos e afirmações.

O grupo que fundou a *Mocidade Livre* é, na sua maioria, constituído por estudantes que, em bon hora o digam, têm sabido dar conta do seu recado, em contraste flagrante com alguns que conhecemos, perdendo anos sobre anos, procurando desculpar afiosamente a falta de aplicação ou de inteligência (não sabemos) com argumentos irrisórios, sentindo-se, apesar disso, muito bem com o pompeoso título de *doctores*, estando so entanto muito longe de a ele terem direito. Outros existem no mesmo grupo que, não podendo por falta de meios continuar a estudar e, talvez — porque não confessam-lo? — para não fazerem figuras semelhantes aquela que acabaram de repudiar, procuram empregar-se para honestamente ganharem a sua vida.

Não se tem por esse motivo ameiasquinados, visto não serem culpados de não terem onde empregar a sua actividade, pois são mais umas vítimas da tremenda crise que o mundo inteiro atravessa.

O que sucederia aos tais senhores *doctores*, se não tivessem que ganhassse para que eles pudessem ter a honra de duplicar (isto é, agora) o numero de anos para finarem os seus maladidos cursos?... O mesmo certamente. Não se trata, por conseguinte, de ociosos, na acepção depreciativa em que o termo foi empregado pelo infeliz informador da «Voz».

Quanto às pelas maçónicas, vannos também dizer o que se nos oferece sobre o assunto.

Somos muito novos, não tendo, por conseguinte, ainda qualquer compromisso desto ou daquela natureza. Sobre o que é Maçonaria, quais os seus fins e razão de existência, nada podemos dizer, porque nada conhecemos. Apesar disso, em virtude da recomendação ser feita por um jornal católico, parece que alguma ligação deve existir com assuntos religiosos, pelo que desde já declararmos que, como livres que somos e desejarmos pensar livremente,

Melhor do que o mais acreditado embaxador é féri todo o mundo a beleza da mulher; sómente por ela se podem unir mais os corações de irmãos, que no serem artistas, rendem o seu culto de homenagem. Mas melhor do que a mulher bela ainda é a nossa mãe, por muito feia que seja: a nossa Pátria.

A vida é como o fumo do cigarro...

Se olharmos bem para a vida veremos que nada ha de novo, ainda que se revista dos aspectos mais modernos; tudo o que em ostent progresso é hoje atraso... ou melhor é toda a aplicação de ontem no dia de hoje.

O tempo é como o expresso em grande velocidade para nos deixar ao fim da viagem da vida o pouco ou muito que se vive apenas da saudade.

No mundo ha varias salvas; por vezes as que valem mais são as de prata.

recomendemos aos outros o mesmo direito, respeitando as suas crenças como ideais.

A lazermos algum reparo, será para chamar-nos a atenção de quem nos quiser ouvir para a conduta daquelas que, não sabendo desempenhar a sua missão, a deshonram, sejam elles pedreiros livres ou padres, tanto os formados em Alcaides como em Roma, sendos nos também indiferente que qualquer acção condenável seja cometida aqui, em Freixo de Espada à Cinta ou Portalegre. O ponto é que chegue ao nosso conhecimento.

Julgamos que é esta a sã doutrina, aquela que deve orientar os que honestamente dedicam a sua atenção ao jornalismo, seja qual for a sua importância, modesta ou de elevada categoria.

E agora, permita o informador ultricentrista da Voz que lhe perguntamos se, na sua qualidade de trabalhador de um jornal católico, não encontraria assunto seu conhecido para, dentro destas normas, pedir a atenção das autoridades eclesiásticas sobre o procedimento vergonhosamente indigno de certo sacerdote que, nadie prestando a honra da família e famílias das terras por onde passa, desrespeita a sun batina, emporejando a religião que serve? Estamos convencidos que sim, e então cumpriria melhor o seu dever de bom jornalista e de bom católico.

